

**O Jeans a partir do Neutro de Roland Barthes**  
**The Blue Jeans and the Roland Barthes's Neuter**

Luciane Glaeser (luglaeser@yahoo.com.br)  
Cleide Floresta (cleidefloresta@uol.com.br)  
Centro Universitário Senac-SP  
Mestrandas do curso Moda, Arte e Cultura

**Resumo**

Neste artigo, buscamos contemplar a teoria do semiólogo Roland Barthes no que diz respeito ao conceito de Neutro, em específico no tocante às suas considerações sobre a percepção dos gêneros. Buscamos aproximar Barthes do âmbito da moda, apresentando a calça jeans como um possível símbolo de neutralidade, conclusão advinda dos usos desta peça de roupa por ambos os sexos, desde a segunda metade do século XX.

**Palavras-chaves:** jeans, neutro, androginia

**Abstract**

This paper seeks to contemplate the theory of the semiotician Roland Barthes, regarding his thoughts on the concept of the neuter, considering specifically his appreciation on the perceptions of gender. The paper seeks to bring Barthes' theories closer to the scope of fashion history, as it presents jeans trousers as a probable symbol of neutrality, since this vesture as been used by people of both sex since the second half of the 20th century.

**Keywords:** blue jeans, trousers, neuter, neutrality, androgenesis

*“(…) Todo conflito é gerador de sentido: escolher um e rejeitar outro é sempre sacrificar ao sentido, produzir sentido, dá-lo a consumir”*

Roland Barthes, “O Neutro” (2003:17)

Em 1978, no Collège de France, Roland Barthes desenvolveu um curso cuja temática foi denominada “O Neutro”. A partir do material que preparou para suas aulas, organizou-se um livro, cuja tradução foi publicada no Brasil em 2003. Nessa obra, encontramos a expressão de idéias que objetivam explorar definições e aplicabilidades do conceito do Neutro, experimentando-o na literatura, na filosofia, no comportamento, dentre outras possibilidades. Apesar de o autor ter se aventurado a falar do mundo da moda em outras obras, como “O Sistema da Moda” e “Moda e Imagem”, seu curso não chegou a explorar a vestimenta e suas possibilidades de representação do Neutro. A intenção deste artigo é justamente aproximar o conceito do Neutro de Barthes a manifestações da moda.

O Neutro, assim como definido por Barthes, tem muito pouco do que se convencionou chamar de neutro em nossa cultura. O sentido daquele que se *“se abstém de tomar partido; que avalia com imparcialidade”* (HAUAISS) é deixado de lado pelo autor, para quem, o Neutro *“pode remeter a estados intensos, fortes, inauditos. ‘Burlar o paradigma’ é uma atividade ardente, candente”* (BARTHES, 2003:19). Barthes vem com isso propor uma alternativa à língua, marcada por uma divisão binária, onde o feminino se opõe ao masculino, ignorando assim as possibilidades que possam existir entre um e outro. O autor não está preocupado com o sexo, mas com o feminino e o masculino. O poema “Isto ou Aquilo”, escrito por Cecília Meirelles, retrata bem esse conflito entre um e outro que acompanha a nossa existência. Mas como bem escreve a poeta: *“Mas não consegui entender ainda/qual é melhor: se isto ou aquilo”*. Por que não os dois?

Pois é justamente esse o questionamento do autor. De modo geral, Barthes caracteriza o Neutro como um elemento outro, cujo sentido escapa ao binarismo habitualmente perceptível nos constructos mentais. Deste modo, o Neutro se estabelece num território além da compreensão de oposições elementares \_tais como bem/mal, masculino/feminino, morte/vida. Ao contrário, propõe o Neutro não como aquele que não é

“A” nem “B”, mas sim como uma espécie de superação em que “A” e “B” se somam, gerando um terceiro elemento. *“O Neutro, o Neutro de que falamos, o Neutro estendido ao discurso (dos textos, das condutas, das moções), não é Nem... Nem, é ‘ao mesmo tempo’, ‘simultaneamente’ ou ‘que entra em alternância’.”* (BARTHES, 2003: 391)

A fim de exemplificarmos tal pensamento, podemos observar como Roland Barthes utiliza a figura do andrógino para conferir materialidade às suas elucubrações. Entendendo que a androginia resulta da confluência dos sexos num mesmo indivíduo, torna-se claro que o Neutro é um ponto complexo. Diante do andrógino, nossa capacidade de categorizar mostra-se falha. Todas as informações de que dispomos para diferenciar homens e mulheres resultam em erro quando o objeto de nossa indagação insiste em mesclar características de ambos universos referenciais.

Na mitologia bíblica, quando Deus criou a humanidade, concentrou naquele que chamou Adão a essência dos dois sexos: *“Ele os criou homem e mulher... e lhes deu o nome de Adão”* [Gênesis 1,25-26]. Também Platão, em “O Banquete”, expõe a idéia de que, segundo a mitologia grega, no princípio havia três configurações possíveis ao ser humano. Nos três casos, o indivíduo era composto por duas metades: em seu corpo, tudo era duplo \_duas cabeças, dois pares de braços e de pernas etc. Havia a possibilidade dessas duas metades serem idênticas em relação ao sexo [portanto, duas partes femininas ou duas masculinas], mas também havia o tipo cujas metades diferiam. Zeus, furioso pelo descaso desses humanos que se julgavam fortes demais para precisarem se preocupar em agradar constantemente aos deuses com sacrifícios, teria partido tais seres ao meio, enfraquecendo-os e punindo-os. A partir desse evento, as partes passaram a buscar uma pela outra, na tentativa de uma reunião. Assim, aqueles cuja busca é por uma parte que traga o sexo oposto nada mais seriam do que os andróginos originais.

Partindo dessa discussão, a idéia desse artigo é justamente se apropriar de alguns conceitos apresentados por Barthes numa tentativa de relacioná-los a fenômenos da moda. Interessa-nos especialmente a noção de que *“o neutro não é o que anula os sexos, mas o que os combina, os presentifica no sujeito, simultaneamente, alternadamente”* (BARTHES,

2003: 392). Por isso, quando Barthes diz que “*o andrógino é o Neutro, mas o Neutro é na verdade o grau complexo: uma mistura, uma dosagem, uma dialética, não do homem e da mulher (genitalidade), mas do masculino e do feminino. Ou melhor ainda: o homem em que há feminino, a mulher em que há masculino*” (BARTHES, 2003: 397), ousamos dizer que, ao colocarem peças unissex em suas passarelas, os estilistas estão propondo uma forma de romper com a divisão entre feminino e masculino que marca a história da moda. O próprio Barthes, ao analisar o conto “Sarrasine”, de Balzac, relata a grande dificuldade de vestir a Zambinella, um cantor castrado que não se classifica nos padrões estabelecidos pela sociedade:

“É preciso, pois, voltar-se para a simbólica de Sarrasine. Seu centro aparente é o sexo. A vestimenta, material predileto dos romancistas, só conhece dois, o masculino e o feminino; Balzac tem, portanto, continuamente necessidade de um terceiro sexo, ou de uma ausência de sexo; não lhe resta então mais do que definir a castração, seja como uma mistura simultânea de masculino e de feminino (é o traje do velho), seja como uma sucessão dos dois (Zambinella se veste de mulher, depois de homem). Esta distribuição vestimentária traduz bem a dificuldade que o romancista sente em colocar simbolicamente o castrado na estrutura institucional dos sexos, que é inelutavelmente binária; pois se nos atemos a essa estrutura, já que a ausência de marca faz nela o feminino, de que poderia ser feito o neutro? Em realidade, e a lingüística o atesta, o neutro não pode ser colocado diretamente numa estrutura sexual” (BARTHES, 1976:10)

Esse diálogo é interessante porque apesar da distância entre o texto de Balzac, escrito em 1831, e essa análise, realizada em 1976, as inquietações não diminuíram, tendo rompido, inclusive, o século XX. O que Barthes nos mostra é uma impossibilidade que a linguagem estruturada em palavras encontra para vestir “neutramente”. Mais eficaz, neste sentido, nos parece a fala das imagens. Em específico, nos interessa pensar como a moda busca ao longo da história mexer com alguns desses conceitos e preconceitos. Ou ao menos revê-los.

Usamos como exemplo a calça jeans \_que inicia sua trajetória no século XIX e chega à segunda metade do século XX acompanhando os movimentos juvenis e as revoluções de comportamento. Uma peça fundamental do estilo unissex, que principia no final dos anos 60, quando não coincidentemente, a pílula anticoncepcional e o advento do feminismo traziam ao cotidiano a igualdade entre os sexos. Nesse aspecto, valemo-nos do que escreveu Diana Crane: *“As mudanças no significado de determinadas roupas e nas formas pelas quais elas comunicam significados são indicações de alterações substanciais no modo como os grupos e agrupamentos sociais vêem suas relações uns com os outros”* (2006:456). Acompanhando esse raciocínio, seria possível dizer que a existência da calça jeans na moda só foi possível a partir do surgimento do estilo “alternativo”, no meio do século 19, cujo objetivo era incorporar peças masculinas ao guarda-roupa feminino. *“As calças não faziam parte desse estilo alternativo, provavelmente, porque, se usadas por mulheres, constituiriam um desafio simbólico mais forte ao sistema do que a maioria delas estava preparada para fazer. As mulheres cujo comportamento era considerado uma desobediência à ordem social eram às vezes desenhadas por escritores satíricos e cartunistas usando calças”* (CRANE, 2006: 200).

O jeans não nasce unissex: adquire tal propriedade quando uma série de processos sociais e políticos passam a equiparar homens e mulheres. Tal fato nos leva a ponderar que uma peça de roupa com tais características só pôde ser adotada quando todo um conjunto de posturas e comportamentos fez coro com aquela expressa através da materialização da vestimenta. Afinal, acreditando no vestuário como uma extensão do homem [uma comunicação de si], o enunciado de uma igualdade simbólica adquire aceitação apenas na medida em que está investido de sentido. Se, hoje, uma mesma peça pode ser utilizada tanto por homens quanto por mulheres, sem causar polêmica, é porque todo um contexto de igualdade proporciona a legitimidade desta aparência.

Utilizando os termos propostos pelo psicanalista Carl Gustav Jung (1875-1961), que chamava *animus* a essência masculina e *anima* a feminina, podemos perceber que o mundo contemporâneo proporciona, cada vez mais, a conciliação desses dois princípios em um mesmo indivíduo. Sem dúvida, devemos ter claro que *animus* e *anima* referem-se a valores

subjetivos. Valores que, ao longo dos séculos, viram-se polarizados, sendo aceitável que uma mulher experimentasse apenas uma seção de potencialidades, devendo reprimir sua contraparte. Ao homem seria, portanto, legítimo exprimir aquilo que na figura feminina não cabia, enquanto deveria manter recalcado todo valor que correspondesse ao universo considerado próprio da mulher. Ou seja, a divisão dos sexos que as sociedades passadas souberam impor, delimitando espaços sociais e políticos específicos para cada gênero, mantinha *animus* e *anima* limitados. A partir da segunda metade do século XX, quando lugares do feminino e do masculino perdem seus antigos limites, essas duas essências evocadas por Jung podem buscar o desenvolvimento no mesmo ser.

Interpretando a teoria de Jung, seríamos todos essencialmente andróginos, pois nos formam princípios de forças opostas. Conforme dito, não devemos pensar essa divisão em termos de sexo físico: feminino e masculino são ambigüidades de gênese, que apenas culturalmente foram fragmentadas. Como nosso cotidiano mescla desafios, estamos aprendendo a recuperar essa androginia no âmbito da psiquê individual. Homens e mulheres, na busca de sucesso \_em amplos sentidos\_ fazem uso contínuo de ambas essências, conforme a situação que aparece. Se cada época e, portanto, cada imaginário recebeu as vestes que melhor contavam a história da humanidade naquele recorte específico de tempo-espaço, não poderia ser diferente no momento em que vivemos.

O jeans se demonstra eficaz como elemento de um discurso formado pela convivência de *animus* e *anima* em uma mesma unidade. Perceba-se que, ao visualizar uma mulher vestindo calça jeans ou um homem com a mesma veste, em nenhum dos casos pensa-se que tal indivíduo nega algo de si. Ao contrário, sendo a peça de roupa confortável a ambos os sexos [em suas tantas atribuições do cotidiano], percebemos que ela não nega nada, ao contrário permite que valores de *anima* e *animus* sejam expressos por gestos, atitudes, falas... sem cair em contradição com o que envolve o corpo. O jeans seria, assim, a veste neutra, tendo em vista que conjuga feminino e masculino, eliminando o antagonismo dos contrários.

Enquanto amplia-se a experiência da androginia social, o guarda-roupa \_reflexo de mentalidades\_ também caminha para tal expressão. Podemos considerar toda a série de experiências da moda \_que não cansa de investir em experiências de visuais andróginos, conforme podemos averiguar pelas propostas de passarelas e editoriais de revistas\_ como um sintoma desta nova organização. Afinal como bem pontuou Virginia Woolf em seu romance "Orlando", se homens e mulheres usarem as mesmas roupas, a maneira que irão interagir com o mundo tende a ser idêntica.

"Se compararmos o retrato de Orlando homem com o de Orlando mulher, veremos que, embora sejam ambos, indubitavelmente, uma e a mesma pessoa, há certas mudanças. O homem tem a mão livre para agarrar a espada; a mulher deve usá-la para impedir que as sedas escorreguem de seus ombros. O homem encara o mundo de frente como se ele fosse feito para seu uso e de acordo com o seu gosto. A mulher lança-lhe um olhar de esguelha, cheio de sutileza e até de desconforto. Se usassem as mesmas roupas, é possível que sua maneira de olhar tivesse vindo a ser a mesma."

## Referências bibliográfica

BARTHES, Roland. *Inéditos Vol. 3 – Imagem e Moda*. São Paulo, Martins Fontes, 2005. 380 p.

BARTHES, Roland. *O Neutro*. São Paulo, Martins Fontes, 2003. 444 p.

BARTHES, Roland. *Masculino, Feminino, Neutro*. Porto Alegre, Editora Globo, 1976. 138 p.

BARTHES, Roland. *S/Z*. São Paulo, Martins Fontes, 1970. 199 p.

CATÓIRA, LU. *Jeans, a roupa que transcende a moda*. Aparecida, SP, Idéias & Letras, 2006. 131 p.

CRANE, Diana. *A Moda e seu Papel Social: Classe, Gênero e Identidade das Roupas*. São Paulo, editora Senac: 2006. 499 p.

JUNG, C. G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 1980. 320 p.

PLATÃO. *O Banquete*. 5. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989. 192 p.

WOLFF, Virginia. *Orlando*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003. 224 p.

## Currículo do primeiro autor

Luciane Glaeser é graduada em História pela Unisinos/RS, pós-graduada em Comunicação e Moda em Arte e Cultura pela Anhembi Morumbi/SP e em Literatura Brasileira pela Unisinos/RS. É mestranda no curso Moda, Arte e Cultura do Centro Universitário Senac/SP.